

O CRISTIANISMO DO PRIMEIRO SÉCULO: DIVERGÊNCIA E CONVERGÊNCIA COM O JUDAÍSMO

Victor Antonio Valdo

Professor em História e Teologia Judaica; e Ensino Religioso Pós-Graduação *Lato Sensu*, pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI-SP) em parceria com o Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCDEJ-SP). Estudante do Hebraico Moderno pelo Rosen School of Hebrew, e The Hebrew University of Jerusalem.

E-mail: victor55valdo@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende apresentar um pequeno quadro do que convencionalmente se refere, em toda a literatura, como "o primeiro século", do momento histórico e político em que o movimento do Cristianismo aparecerá. O ambiente particular em que surge e se desenvolve, apresentando ao leitor, fatos e ideias próprias e normais do período estudado. Do Judaísmo como religião normativa; e do Cristianismo que surge e se forma, que depois de ser amplamente difundido pelos discípulos de Jesus se torna religião; para apresentar convergências de ideias, mesmo que pareçam divergências.

Palavras-chave: Cristianismo, Judaísmo, Religião.

ABSTRACT

This article intends to present a small picture of what is conventionally referred to, in all literature, as "the first century", of the historical and political moment in which the movement of Christianity will appear. The particular environment in which it arises and develops itself, presenting to the reader, its own and normal facts and ideas from the period studied. From Judaism as a normative religion, and from Christianity that arise and forms itself, which after being widely spread by Jesus' disciples becomes religion; to present convergences of ideas, even if they seem to be divergences.

Keywords: Christianity, Judaism, Religion.

O Contexto Histórico e Político de Israel antes de Jesus

O judaísmo vivido no período do primeiro século sincretiza filosofias e ideais, traz intrínseca a herança de uma história de séculos anteriores repleta de alternâncias de acontecimentos experimentados e de ideologias dos diferentes períodos da dominação grega, somadas às reminiscências da dominação babilônica, persa e romana. A história nos relata e revela que povos dominadores ora agem com benevolência, ora com extrema violência, e os efeitos de toda essa influência tornam-se duradouros sobre a história vivida do povo dominado.

Entender a história da Terra onde Jesus e seus seguidores viveram, exige visitar, ainda que brevemente, a história das dominações de séculos anteriores, para tanto, pesquisaremos os três períodos históricos mais próximos; a saber: a) Período Sírio e Macabeu; b) Período dos Hasmoneus e; c) Período Romano.

O Domínio Sírio e Macabeu (198 a 164 a.C.)

O rei sírio Antíoco III tentou anteriormente conquistar e dominar a região de Israel, e ao final do terceiro século a.C. sucedeu em tirar das mãos dos egípcios o território de Israel. Percebendo a supremacia dos sírios os judeus colocam-se ao lado destes durante a luta, por isso os sírios dispensam favores aos judeus e lhes oferecem compensações pelos danos causados na guerra; a esta compensação, no entanto somaram-se outros privilégios: as necessidades e gastos com o culto no Templo passam a serem cobertos pelos cofres do novo Estado, ao Sinédrio, aos sacerdotes, aos anciãos, aos escribas concede-se isenção de impostos.

Situação que não se sustentou por muito tempo, após a morte de Alexandre, Selêuco assumiu o governo da Síria, os selêucidas também buscavam a unificação de seu reino pela helenização. Aqueles de Jerusalém partidários da helenização tomam novo impulso, o Sinédrio se divide, Joshua heleniza seu nome para Jasão, oferece aos sírios considerável quantia em dinheiro que seria arrecadado com aumento de impostos; Jasão consegue ainda destituir seu irmão Onias do cargo de sumo sacerdote ao mesmo tempo em que promove sua auto nomeação. Onias anos mais tarde é assassinado em Antioquia, local de seu refúgio.

Jasão ordena a continuação do culto no Templo de Jerusalém, mas promove energicamente a helenização. Pouco tempo após ter assumido o cargo de Sumo Sacerdote,

Jasão é deposto por Menelau, que utilizando-se do mesmo artifício que Jasão, é levado ao cargo de Sumo Sacerdote, diminuindo a resistência à helenização.

Antíoco IV Epífanes, desfere em 169 a.C., duro golpe no Templo, saqueia instrumentos do culto transporta-os para Antioquia; dois anos após desfere novo e ainda mais duro golpe, desta vez contra o judaísmo, pois em Jerusalém sobre o altar dos holocaustos ordena que se erga um altar pagão para adoração e ‘sacrifícios ao deus supremo Zeus Olímpico’ (1Mc 1,54), oferece ali o sacrifício de porcos, obriga por ameaças de morte ao povo judeu consumir da carne dos porcos sacrificados. A circuncisão, a marca da Aliança estava proibida, ‘mãe e filho (circuncidado) eram mortos por força de decreto’ (1Mc 1,60), muitos morreram por conservar a fé. Tantos incidentes e agressões acarretaram perigosa crise para o judaísmo, chega-se a pensar que seu fim era iminente, pois foram muitos os judeus que preferiam sofrer e morrer a abjurar obediência à Aliança.

Período Hasmoneu (164 a 37 a.C.)

É do meio rural, onde se preservava a fé dos antepassados que nasce um forte movimento de reação à helenização, da pequena aldeia de Lidda, da família dos hasmoneus inicia-se o levante de Matatias e seus filhos; após a morte de Matatias, Judas o macabeu (de *makkaba* = martelo) cresce na insurgência e dirige vários ataques aos selêucidas.

Acredita-se que é neste período da história de Israel que surge o movimento dos *hassidim*. Também ao tempo de Jônatas (140) o sumo sacerdote e seus partidários entram em conflito com a realeza e se retiram para o deserto, formando a seita dos essênios.

Ao final Simão, o terceiro dos irmãos macabeus vence em luta a guarnição estacionada na fortaleza de Jerusalém, expulsando-a. Jerusalém agora está livre da dominação e em paz sob a regência de Simão, compreendida pelo povo como cumprimento da profecia de Miquéias 4,4: “cada qual se sentará debaixo de sua vinha e debaixo de sua figueira, e ninguém o inquietará”; deve-se isto também ao fato de que Simão conseguira a isenção de impostos, cunhou moedas judaicas próprias, multiplicou os utensílios do Templo e o encheu de riquezas (1Mc 14, 15). Lhose, afirma “o sábio governo de Simão, sua preocupação e seu zelo pela Torá

e pelo Templo são descritos com traços iguais àqueles atribuídos ao Messias na expectativa do final dos tempos”; imagem não convence a todos os judeus (LOHSE, 2004, p. 24).

Ptolomeu, o genro de Simão, desejoso do cargo, assassina o sogro, porém não assume o cargo de rei e tão pouco o de sumo sacerdote, cargo este entregue a João Hircano.

Livre dos sírios e de sua influência, João Hircano então governa toda a Palestina, mas demonstra sério interesse em estender seu domínio, com mercenários bem pagos, empreendeu campanhas militares nas regiões vizinhas da Judéia. Em 128 a.C., destrói o templo do Monte Garizim, ataca a Iduméia, converte sua população à força ao judaísmo e, em 107 a.C. conquista o território da Samaria. Grande guerreiro, mas não gozava de boa aceitação pelo povo, especialmente entre os piedosos. Situação pouco aceita e instável, favorece o surgimento de grupos de judeus fiéis à Aliança, antes representantes do levante macabeu, os fariseus. A mútua simpatia de antes começa a se desgastar e os grupos se distanciam, conseqüentemente já em seu tempo Hircano não mais procura apoio junto aos fariseus, mas, junto àqueles mais propensos à uma política realista e que não desejavam se fechar ao helenismo.

O fato é que Hircano que antes seguia a interpretação farisaica da Aliança desta se distancia e aproxima-se dos saduceus, que se mostraram mais propensos a apoiar suas pretensões. A separação entre Hircano e os fariseus pode ser explicada por uma tradição que narra uma desavença de Hircano com um fariseu de nome Eleazar, considerado um homem mau. Este exigia de Hircano sua abdicação à dignidade de sumo sacerdote; “Eleazar afirmara que a mãe de Hircano teria sido presa ao tempo de Antíoco Epífanes, e haveria a possibilidade de estupro de uma mulher na prisão, por isso o filho dessa senhora não deveria exercer um cargo para o qual se exigia o máximo grau de pureza sacerdotal” (LOHSE, 2004, p. 26), Hircano então influenciado por Jônatas seu amigo, do partido dos saduceus e que tenta tirar proveito contra os fariseus, considera esta advertência representativa de todos os fariseus e enfurecido deles se separa.

Hircano desejava que após sua morte, seu cargo fosse ocupado por sua mulher; porém um de seus filhos, Aristóbulo usurpa a regência, coloca prisioneiros sua mãe Salomé Alexandra e seus três irmãos; e torna Antígono partícipe em seu governo, mas quando os outros dele suspeitam manda matá-lo. O reinado de Aristóbulo pouco durou, e após a sua morte em 103

a.C, Salomé Alexandra liberta os irmãos do rei morto e entrega o cargo ao mais velho dos irmãos, Jônatas, deste tornando se sua esposa.

O novo rei Jônatas adota um nome grego – Alexandre Janeu – promove um governo marcado por guerras contra revoltosos, e não tinha escrúpulos em impor sua vontade de maneira cruel e brutal oprimindo especialmente os fariseus e seus aliados. Conta a tradição, que após conflito armado, Janeu prende oitocentos revoltosos e levando-os a Jerusalém os crucificou, enquanto celebrava um banquete com suas mulheres e diante mesmo das cruzes ordena a matança destas e de suas crianças. Nunca antes em Israel havia se aplicado a crucifixão (LOHSE, 2004, p. 27), tal fato provoca grande medo e horror a todo o povo. Mas em seu leito de morte, Alexandre Janeu teria instruído sua mulher Salomé Alexandra a reconciliar-se com os fariseus.

Após a morte do rei, Salomé Alexandra assumiu o governo, entre 76 e 67 a.C., o dirigia com cautela e sabedoria, era-lhe permitido ser rainha, mas não ocupar o cargo de “Sumo Sacerdote”, por ser mulher; este ‘encargo’ é delegado a seu filho Hircano II, um homem fraco e de pouca iniciativa. Salomé traça um acordo com os “fariseus, que a partir de então conseguem influenciar o curso político do país e alguns de seus escribas tornam-se membros do Sinédrio e lá podiam eles externar suas opiniões” (LOHSE, 2004, p. 27-28). Sobretudo Salomé conduz um governo que buscava antes o fortalecimento da paz.

Com a morte de Salomé em 67 a.C., Hircano II seria seu substituto direto, mas Aristóbulo disputa com este a dignidade real por conflito armado, e, Aristóbulo com a superioridade de seu exército vence o irmão, que abandonado por seu exército entrega ao vencedor a dignidade de rei e sacerdote. Antípatro coloca-se ao lado de Hircano II, com ajuda de Aretas, rei nabateu, inicia um cerco à cidade.

Um poder superior, Roma, se interpõe e determina a partir daí o destino do Oriente Próximo e de Israel. Roma com suas legiões, dissolve-se o já enfraquecido governo dos selêucidas. Antípatro e Hircano buscam o apoio de Pompeu, o povo interfere pede a abolição da monarquia, e a restauração da teocracia sacerdotal, Roma não apoia os pretendentes e a dinastia dos hasmoneus termina, havia já perdido o poder externo, e não contava mais com partidários entre o povo.

O Domínio Romano (63 a.C. a 4 d.C.)

Antípatro e Hircano buscam conseguir favores de Pompeu, pois havia a perspectiva de que Aristóbulo tivesse êxito em se manter no poder por força militar, por isto Pompeu marcha até Jerusalém, Aristóbulo se entrincheira na cidade até que Pompeu após um cerco de três meses invade Jerusalém, pisa no Templo e penetra no Santo dos Santos. Do Templo Pompeu nada tira e ordena a retomada do culto o quanto antes. A entrada sacrílega de um pagão no Santíssimo, no entanto, pareceu aos piedosos uma terrível profanação só compreendida como julgamento de Deus contra seu próprio povo.

Pompeu, após a conquista reorganiza Israel, traça novas fronteiras; as cidades da costa marítima se tornam independentes, as cidades helenísticas na Transjordânia, então dominadas pelos asmoneus unem-se em aliança livre que se estende desde Damasco na região norte, até a cidade de Filadélfia (Amã) ao sul; esta região passou a ser então denominada como a Decápolis (citadas em Marcos 5,20; 7,31; e Mateus 4,25). A Samaria também se torna independente e quando Hircano retorna como o Sumo Sacerdote tem sob seu poder administrativo só a comunidade cultural próxima a Jerusalém – a Judéia, o interior da Galileia e Peréia.

Neste período cujo quadro político e econômico é conturbado, Israel passa a ser governada pela dinastia herodiana, dominada, porém, por Roma; vivia um quadro não muito simples, a região onde se situa estava subdividida em outras regiões menores com formas de governo e administração distintas. Por volta de 57 a.C., Gabínio, governador romano divide a região em cinco outras províncias que se reportavam diretamente ao governador: a Judéia se torna Jerusalém, Gazara e Jericó, e, a Galileia se torna Séforis e Peréia. Tal divisão permitiria desenvolvimento pacífico, mas a agitação no interior não esmorece, e ataques exteriores produzem novos abalos. Aristóbulo, que antes havia sido enviado como prisioneiro a Roma, liberta-se do cativeiro e retorna para Israel, onde com seus filhos novamente trama contra o poderio romano; a eles se juntam muitos descontentes com a administração de Hircano.

Em Roma ocorriam conflitos pelo poder, César sai vitorioso de um destes conflitos; Pompeu é assassinado no Egito em 48 a.C., e Hircano e Antípatro se aliam a Roma, enviam a César tropas auxiliares e deste recebem favores. Destes talvez os mais importantes fossem, a garantia do exercício irrestrito do culto, quer para a comunidade do Templo quer para as

comunidades sinagogais – estava o judaísmo agora sob a proteção do estado romano. Antípatro obtém sólida posição; partilha seu poder com seus dois filhos – entrega a Judéia a Fasael e a Galileia a Herodes. Este último administra a Galileia com mão forte e não se intimida em aplicar penas de morte; não se importando com a jurisdição suprema do Sinédrio de Jerusalém. Em 44 a.C., César é assassinado e novas convulsões sacodem o Império; Hircano e Antípatro se unem aos aliados dos assassinos de César, mas seu poder em Israel dura pouco – Antípatro é assassinado; Hircano, como Sumo Sacerdote, e os dois filhos de Antípatro, Herodes e Fasael que governavam o país – são confirmados em seus cargos.

Herodes Magno conquista para si a simpatia do povo valorizando o culto e reconstruindo o Templo. Construindo fortalezas, controla possíveis revoltas. Apoiando a cultura helenística, aparece diante do mundo. Servindo fielmente a Roma, conserva-se no poder. Herodes não tem legitimidade judaica, é descendente de idumeus e de mãe árabe. Por ser estrangeiro, não pode ter relação de reciprocidade com os judeus e sua legitimidade se funda na própria estrutura do poder que exerce que é sobretudo independente da tradição judaica. Assim agindo Herodes:

1. Nomeia o Sumo Sacerdote.
2. Exige por juramento que seus súditos se obriguem à obediência de suas ordens em oposição às normas da tradição; a recusa era tratada com perseguição, e morte.
3. Interfere diretamente na justiça do Sinédrio.
4. Assaltantes e principalmente revolucionários políticos capturados, são vendidos sem direito a resgate, como escravos no exterior.
5. Esta prática, venda à escravidão e morte por execução se tornam as normas comuns do arrendamento estatal.

A estrutura de poder que Herodes impõe ao Estado é bem diferente da estrutura da época dos Macabeus. Definida da seguinte forma:

1. Legitima-se o rei como pessoa, não mais por descendência.
2. O poderio não mais se orienta pela tradição, ao contrário, pela aplicação do direito do Senhor.
3. O direito à propriedade da terra é feito por '*assignatio*', a transferência de direito deste a outrem.

4. O poder se legitima pela base filosófica helenística, ao se dizer que o Rei é 'Lei viva', que se opõe à lei codificada, o rei passa a ser a fonte da lei porque regido pelo '*nous*'¹ tem a função salvadora e por isso dá a seus súditos uma ordem racional por meio de normas de Estado. "O Rei em sua pessoa é a continuação do seu reino e o salvador de seus súditos" (KIPPENBERG, 1997, p. 114). Herodes sustenta seu poder militar por mercenários estrangeiros contratados, sediados em fortalezas ou em terras a eles doadas (*cleruquias*,² no vale de Jezrael).

Ainda hoje se podem visitar em Israel testemunhos arqueológicos das construções comandadas por Herodes Magno, obras grandiosas, as fortalezas garantiam o domínio; templos, ginásios, termas, teatros garantiam o prestígio e exibiam sua magnanimidade, especialmente para Roma. Com uma história conturbada e repleta de confrontos, internos e externos, Roma conquista e domina Israel, e, aproveitando-se das crises e da fragilidade da dinastia dos Asmoneus, promove Herodes ao poder; indicado pelo senado romano acaba ele mesmo por fundar uma nova dinastia. Esta nova dinastia governou a região que compreendia os territórios da Judéia, Samaria, Iduméia, Galileia e Peréia até por volta do ano 4. Apesar de tantas obras, os judeus o ignoravam; os fariseus influenciavam poderosamente o pensamento e a ação do povo, que alimentava a esperança de uma grande mudança produzida por Deus.

Ao final do reinado de Herodes Magno, surgem João Batista e Jesus de Nazaré conforme narrativas dos evangelhos (cf. Mt 2,1; Lc 1,5). Mas se avizinhava a questão da herança do

¹ *Nous*, termo filosófico grego que não possui uma transcrição direta para a língua portuguesa, e que significa atividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos materiais. Muitos autores atribuem como sinônimo a "*nous*" os termos "Inteligência" ou "Pensamento". O significado ambíguo do termo é resultado de sua constante apropriação por diversos filósofos, para denominar diferentes conceitos e ideias. "*Nous*" refere-se, dependendo do filósofo e do contexto, às vezes a uma faculdade mental ou característica, outras vezes a uma correspondente qualidade do universo ou de Deus. Homero usou o termo *nous* significando atividade mental em termos gerais, mas no período pré-Socrático o termo foi gradualmente atribuído ao saber e a razão, em contraste aos sentidos sensoriais. Anaxágoras descreveu "*nous*" como a força motriz que formou o mundo a partir do caos original, iniciando o desenvolvimento do cosmo. Platão definiu "*nous*" como a parte racional e imortal da alma. É o divino e atemporal pensamento no qual as grandes verdades e conclusões emergem imediatamente, sem necessidade de linguagem ou premissas preliminares. Aristóteles associou "*nous*" ao intelecto, distinto de nossa percepção sensorial. Ele ainda o dividiu entre *nous* ativo e passivo. O passivo é afetado pelo conhecimento. O ativo é a eterna primeira causa de todas as subseqüentes causas no mundo. Platinus descreveu "*nous*" como sendo umas das emanações do ser divino.

² O nome "*cleruquia*" vem da forma como a terra é entregue aos veteranos: por "*cléros*" isto é, por "sorteio". É importante lembrar que, no Egito, o soldado que recebe um pedaço de terra deve ficar em disponibilidade, pois pode ser convocado pelo rei. Em geral, eles arrendam a sua terra, o seu "*cléros*" a um camponês egípcio, que assim sustenta o soldado com uma parte de seu trabalho. O tamanho de uma "*cleruquia*" pode variar de cerca de 6 a 25 hectares, chegando alguns casos a 1.000 hectares de terra. Depende da patente do militar que a recebe (PRÉAUX, 1987, p. 311-312).

reino, Herodes havia mandado matar a três de seus filhos, reparte seu reino entre seus três outros filhos: Arquelaus seria rei da Judéia, e da Samaria e Iduméia; Herodes Antipas seria rei da Galileia e da Peréia na Transjordânia; e Filipe a Transjordânia ao Norte do Reino, esta divisão, no entanto necessitava a ratificação de Roma para se tornar válida. Por este motivo, Arquelaus, Herodes Antipas e Filipe vão a Roma a capital do Império. Lucas em seu evangelho alude em 19,12-14, a estes acontecimentos em uma parábola, e Roma interfere no sentido de confirmar as nomeações, embora com pequenas variações de títulos que para a população em geral nada significavam, assim Herodes Antipas e Filipe foram nomeados tetrarcas e Arquelaus nomeado etnarca pelos romanos; eram tidos como reis pelo povo judeu como vemos em Mt 2,22; 14, 9 e Mc 6,14-26. Enquanto permaneciam em Roma, em toda a região destinada a estes reis irrompem sérios conflitos e agitações só debelados por ações duras e brutais das tropas romanas de Quintílio Varo, que governava a Síria; acontecimentos que provocaram o crescimento dos sentimentos anti romanos na população.

Neste período entre 26 a 36 d.C. Pilatos era o “*praefectus*” romano em Jerusalém. Além do se sabe sobre seu relacionamento com os fatos da história que relacionam Pilatos a Jesus, Josefo faz um relato de atos acintosos de Pilatos contra os judeus:

Certa feita, Pilatos mandou levar, de noite, para Jerusalém, certo número de imagens veladas do César, que os romanos chamavam de ‘estandartes’. Mal o dia clareou, uma grande agitação tomou conta da cidade. Todos quantos chegavam perto se enchiam de indignação com o espetáculo, que eles tomaram como uma zombaria grave à lei que proibia colocar qualquer imagem que fosse, no interior da cidade. Pouco a pouco a exacerbação dos habitantes da cidade atraiu grandes multidões de pessoas que moravam no campo. E todos se dirigiram a Cesaréia, para falar com Pilatos. Suplicavam-lhe que mandasse tirar as imagens de Jerusalém e desistisse de agir contra as normas da religião judaica. Pilatos recusou-se a atender ao pedido deles. Então os judeus se lançaram por terra e ficaram imóveis, no lugar, durante cinco dias e cinco noites. No sexto dia Pilatos sentou-se numa tribuna, no grande hipódromo da cidade, e convocou o povo, como se quisesse comunicar-lhe uma notícia. Em seguida, porém, fez aos soldados o sinal antes combinado, para cercarem os judeus, de armas na mão. Envolvidos por três fileiras de homens armados, os judeus foram tomados de violenta comoção diante do fato inesperado. Pilatos mandou massacrá-los, caso não admitissem a presença de imagens do Imperador em seu meio. Fez então novo sinal aos soldados para

desembainharem as espadas. Os judeus, a uma só vez, se jogaram por terra, como se tivessem combinado entre si, e ofereceram o pescoço desnudo, declarando em alta voz que preferiam deixar-se matar a transgredir a Lei. Esta atitude heroica do povo em defesa de sua religião causou grande espanto em Pilatos. Ele ordenou, então, que as insígnias do Imperador fossem retiradas de Jerusalém. (JOSEFO, 1989, p. 169-174)

É em meio a este cenário que por volta de 30 deste “primeiro século”, desponta Jesus, com uma nova visão da Torá, cuja pregação atrai a atenção de muitos. Forma-se a sua volta um grupo, que conforme nos relatam os Evangelhos compõe-se de pessoas de diversas classes da população. Este grupo, por sua nova forma de entender e viver a Torá, também chama a atenção da sociedade da época, sobretudo das classes dirigentes, a realeza, Sinédrio e sacerdotes, como aliados dos romanos. E que pressentem nestes uma ameaça à ordem vigente.

A Origem do Movimento Messiânico

Israel esteve submetida a dominações de diferentes povos por pouco mais de setecentos anos, e mesmo quando governado por dinastias oriundas e descendentes de judeus o povo era submetido e explorado. Surge desta situação um crescente e complexo quadro de esperanças de restauração política e religiosa, mais precisamente após a Guerra dos Macabeus a espera da restauração passa e se embasa por critérios que hoje os estudiosos identificam como o “Rei Messias, filho de Davi”, o “Messias filho de José” e o “Profeta Redentor”. Tal era a intensidade ideológica do messianismo que um significativo número de líderes populares emerge e desaparece em um conturbado cenário. A população se revolta, convulsões sociais ganham força e forma, e, finalmente desembocam em confronto direto em duas grandes batalhas nos anos 66 a 70 d.C., e em 132 a 135 d.C., conhecida como a “Revolta de Bar Kokba”, esta última provocando o desaparecimento de Jerusalém, pouco depois reconstruída por Adriano, como *Aelia Capitolina*.

A doutrina messiânica tem sua gênese dentro do judaísmo do segundo Templo, e como crença judaica calcada em conhecidas tradições bíblicas, em sua essência deve ser tratada.

Diferente é a expectativa messiânica judaica na antiguidade, quando o principal enfoque estava centrado em uma “era messiânica”. Ao final do período do judaísmo do Segundo Templo surge e se desenvolve, depois de interpretações bíblicas, a figura do messias escatológico agora esculpido e associado a uma figura humana, que seria o redentor político e econômico de Israel. A palavra messias durante os tempos antigos era indistintamente aplicada a qualquer pessoa que fosse “ungida com óleo”. Devido a esta consagração, o ato de ungir colocava tanto o “sacerdote”, como o “rei” e o “profeta” no mesmo nível de “ungido”. Noções dessa tríplice função foram registradas por Flávio Josefo como sendo os “três maiores privilégios” com os quais um verdadeiro e honrado governador era investido de autoridade, quais sejam: “governo da nação, ofício de sumo sacerdote e o dom da profecia” (SCARDELAI, 1988, p. 21). Parece muito evidente que no tempo de Josefo as tradições do sacerdócio eram formuladas a fim de identificar características pessoais num indivíduo ao qual aquelas funções eram atribuídas. Deve ter existido forte influência desse costume que levou a moldar a crença messiânica. É principalmente entre os sequazes da seita do Mar Morto (Qumran) que a prova parece assinalar essas funções combinadas, em que o messias era esperado vir como ‘mestre da retidão *redivivus* (ressuscitado)’, sendo também profeta e sacerdote.

A implicação imediata deste conceito está no reconhecimento da existência destes movimentos com significado da restauração político-religiosa de Israel. Existem perspectivas dessa esperança, amplamente aceitas que caracterizavam as exigências populares, tais como, entre as mais conhecidas de âmbito geral, a residência permanente numa nação politicamente livre, a reconstrução do templo e a vinda de um rei para governar Israel. Todos esses aspectos aparecem emergentes com significados messiânicos. Baseados nestas noções fragmentárias, cumpre salientar que o aparecimento dos messias proclamados, ou falsos-messias, ocorreu na fase imediatamente anterior à destruição do Templo pelos romanos no ano 70 (SCARDELAI, 1988, p. 18-22).

A Esperança Messiânica

Podemos encontrar diversos estudos que nos apresentam que a perspectiva e a ideia do messias se cristalizam, entre os judeus exatamente no período inter e neotestamentário. A ascensão de grupos judeus contemporâneos a Jesus, a exemplo dos sicários e zelotes, não são

resultados do acaso nem alienados da história do período. Vários grupos populares encontraram nos movimentos de libertação nacional sua principal forma de estratégia na luta pela autonomia política de Israel. Nacionalistas zelotes buscavam alicerçar sua plataforma ideológica em pontos cruciais da história política passada de Israel, a exemplo do que a revolta dos macabeus passou a significar no meio popular.

Originários provavelmente da Galileia agrícola, os sicários e zelotes passaram a simbolizar os grupos mais típicos e radicais dessas lutas militares em Israel até a Grande Guerra em 70 d.C. É muito provável também que suas lideranças estivessem envolvidas em alguns movimentos de orientação messiânica, formadas no norte do país. Era a Galileia a região que mais favorecia o crescimento de grupos radicais anti romanos, dado o fato de estar localizada ao norte a classe camponesa, vítima de altas taxas e impostos. Esse fator influenciou a erupção de constantes levantes, distúrbios e protestos sociais com graves consequências para toda a nação. O primeiro século da era cristã testemunha um quadro caótico nesse sentido. Sem querer reduzir todo o fenômeno a simples movimentos populares de camponeses galileus, é importante observar que existiam estreitos laços entre os movimentos de libertação messiânica e os agricultores judeus na Galileia, vítimas da política injusta de cobrança de impostos (SCARDELAI, 1988, p. 25).

As Seitas Messiânicas

Os grupos religiosos tardios do judaísmo, mais influentes à época de Jesus e seus seguidores; os fariseus, os saduceus, os zelotes e os essênios são documentados em períodos próximos ao segundo século a.C. As fontes externas aos textos sagrados em que se encontram mais citações sobre estes grupos são os relatos de Flávio Josefo, em seguida encontram-se citações nos textos de Qumran, e citações nos textos do Talmud e do Midrash.

Os Saduceus

Os saduceus formam um partido que provém da nobre classe dos sumo sacerdotes; oriundos de famílias da mais alta condição, ricas e nobres. Mas o grupo em si não tinha muita influência sobre o povo, que era mais simpático ao grupo dos fariseus. Sadoc, um sacerdote

teria servido sob Davi e Salomão (1Rs 2,1-35), posteriormente para legitimamente exercer o cargo de sacerdote era indispensável descender da estirpe de Sadoc (cf Ez 40,46; 44,15), portanto caberia sempre a um sadoquita a função, que era primariamente função cultual, mas também com poder político. Eram aparentemente abertos à colaboração política, que podia significar também sincretismo cultual.

Os saduceus surgem no cenário judaico por volta de 135 a.C. no período dos hasmoneus, conforme indicações de Flávio Josefo, mais especificamente nos anos do governo de João Hircano, que era ambicioso e queria desenvolver uma política expansionista, tal política teria por seu êxito despertado a inveja de outro grupo de judeus, os fariseus. Provavelmente o grupo dos saduceus já estava em atividade desde os anos 160 a.C., surgidos efetivamente de uma ruptura interna do judaísmo, como grupo os saduceus são observantes da Torá, e, com a evolução da teologia deste grupo a divisão entre os grupos ficou mais clara e o distanciamento se dá em função da negação por parte deste grupo da ideia de ressurreição. Os livros de Macabeus relatam a história dos irmãos Macabeus e sua luta pelo zelo com a Torá; o primeiro livro, mais histórico, revela grandeza nas manobras políticas e não menciona a ressurreição. Já o segundo livro, contado sob a perspectiva farisaica, mostra um desenvolvimento teológico notadamente escatológico em que a vida melhor acontece após a morte. Os dois livros são escritos no final do Século II, e é neste período que a disputa entre saduceus e fariseus está mais acirrada e confirma a dissensão entre os dois grupos.

O grupo dos saduceus também não se relaciona muito bem com Jesus e seu grupo de seguidores, pois estes últimos têm uma clara atitude de confrontação com a política conduzida no Templo pelos saduceus, que gera muito mais tensão que aproximação. Talvez o principal fator que gerou tensões entre estes dois grupos, notadamente após a morte de Jesus, foi que os seguidores de Jesus pregavam, no Templo, a ressurreição. A 'seita' dos seguidores de Jesus rejeita e é rejeitada quando sustenta suas opiniões em suas pregações.

Os Essênios

Estudiosos ligam a palavra 'ossioi' ao aramaico *hsy*, o equivalente em hebraico a *hsyd*; a palavra formada por três consoantes significa no aramaico 'piedoso'; e para estes estudiosos os essênios são os fiéis, os puros, os santos, os piedosos que em hebraico são os *hassidim*.

Eram homens que dedicavam quase todo seu tempo à meditação. Estudavam profundamente a Tora, onde esperavam encontrar o papel que lhes fora atribuído neste mundo, com isso compuseram obras exegéticas e fundam a primeira comunidade monástica cujo objetivo era a santificação.

As referências encontradas colocam os *hassidim* lutando contra as influências pagãs ao lado de Judas Macabeu no período de Antíoco Epífanes, que lutavam, sobretudo, pela libertação do Templo, mas não se deixaram influenciar pela política dos hasmoneus. Esta recusa faz que os *hassidim* sejam vistos como sectários, e que teriam surgido de uma cisão do movimento dos *hassidim*. A comunidade dos *hassidim* se organiza por um sistema de propriedade coletiva, e seu isolamento se fundamenta na ideia da eleição. O senso de propriedade coletiva, a comunhão de bens, é considerado um fenômeno único que teve sucesso principalmente pela ideia da pureza ritual e pela unidade ideológica do grupo.

Os essênios desenvolveram também uma forte ideologia messiânica, ligada ao fim dos dias quando acontecerá a redenção definitiva. Era crença corrente dos essênios a vinda de vários messias, sobretudo os essênios insistiam na vinda de dois messias, buscando a fundamentação deste ideal em Zacarias (Zc 4,12-14) que fala de dois ungidos; um da casa de Davi e outro da casa de Levi, que presidirá o fim dos dias. Insistiam na importância dos dois messias, o que explica esta crença é o absoluto respeito que têm pelo mestre de Justiça, o Messias de Aarão foi com o passar do tempo substituindo o messias davídico e entre eles havia os que esperavam que o Mestre de Justiça voltasse sob a forma de um Messias, aqui os essênios se diferenciam de outros movimentos judaicos, que focalizam como figura messiânica o 'Messias filho de Davi'. Esta ideologia é mais tarde totalmente aceita e partilhada entre os cristãos, e em todos os evangelhos o nascimento de Jesus se dá em Belém de Judá para mostrar a origem davídica de Jesus.

Os Fariseus

De maneira geral e com marcante naturalidade e aviltamento, os fariseus são vistos como os principais inimigos de Jesus e seus seguidores, pois é com frequência e veemência que vemos várias vezes a frase “escribas e fariseus hipócritas” narrada nos Evangelhos; é sem dúvida uma frase áspera usada quase sempre com o fim de resumir tudo o que se pode dizer

dos fariseus. O movimento farisaico, no entanto, é muito diverso e muito mais rico e importante do que se pode pensar e deduzir a partir desta ou de outras frases que se lê em materiais de cursos de formação, ou se ouve nas homilias dominicais.

O surgimento do movimento farisaico se confunde com o retorno do exílio da Babilônia e com a reforma religiosa de Esdras e Neemias cuja característica se pode ver em Esdras 7,10; 'Esdras tinha aplicado o seu coração a perscrutar a Torá do Senhor, a praticar e a ensinar em Israel, os estatutos e as normas'. Ao praticar esta abordagem Esdras logra separar o mundo judeu do mundo pagão e a proclamar a Torá como o guia de vida dos judeus. Mas havia a necessidade de pessoas capazes de ler e dar adequado sentido ao texto da Torá. Surgem nesse ínterim os soferim, escribas que liam e interpretavam a Torá para o povo, com passar do tempo os soferim perdem sua função para os fariseus quando desaparecem de cena no final da dominação persa. Schubert (1979, p. 25) afirma que os fariseus são mencionados como grupo autônomo, pela primeira vez no tempo do asmoneu Jônatas entre 160 a 143 a.C.. Flávio Josefo cita os fariseus juntamente com os saduceus e os essênios em Antiguidades 3,5,9. Outro fato relevante é a chegada de Roma no cenário político de Israel pouco após a morte de Salomé Alexandra, este acontecimento favorece uma nova situação na qual o poder dos asmoneus foi gradativamente sendo retirado o que para os fariseus se torna uma situação muito favorável, pois a atual existência à sombra de Roma aumentou consideravelmente a importância do Sinédrio como autoridade de administração autônoma de Israel, e devemos tomar em conta que neste estágio da história os fariseus já gozavam de certa importância no Sinédrio. Com a evolução daí decorrente o farisaísmo se torna o 'judaísmo normativo', os secessionistas eram agora os defensores e conservadores do judaísmo.

Como vimos no início deste tópico, há uma forte tendência de se enxergar o movimento farisaico e seus integrantes de forma negativa e fortemente 'inimiga' de Jesus e seus seguidores; principalmente ao se levar em conta as narrações e afirmações presentes na literatura neotestamentária. Mas é necessário ter em conta o período e o contexto no qual foram gerados os textos da Nova Aliança. Para isto se faz necessário visitar outro ponto da história do judaísmo e estudar mesmo que brevemente a figura de Yohanan Ben Zakkai. Yohanan Ben Zakkai, após a destruição do Templo em 70 d.C., logra refugiar-se em Yavneh e lá pôde com a anuência dos romanos fundar uma casa de estudos. Zakkai acreditava que a Torá escrita e a Torá oral podem e devem ser o novo ponto de referência de Israel. O judaísmo

construído em Yavneh é puramente farisaico, pois os outros grupos teriam também sido dizimados com a destruição do Templo, provavelmente poucos sobreviveram na diáspora, os grupos mais radicais, como os zelotes e os sicários não teriam melhor sorte, pois se opunham abertamente a Roma.

Gamaliel II, que substituiu Zakkai, é intolerante e seu objetivo é o de unificar todas as comunidades judaicas sob a autoridade da escola de Yavneh tornando o judaísmo totalmente farisaico, e neste aspecto os judeus cristãos que têm outro referencial quanto ao judaísmo confrontam-se abertamente com o modelo de Gamaliel II. A literatura anti farisaica neotestamentária surge neste contexto, e seu objetivo é o de viver o judaísmo de uma nova maneira e de combater a intolerância do judaísmo proposto por Gamaliel II, assim podemos entender por que os evangelhos trazem críticas aos fariseus e sua doutrina, que de outro viés é restrita por que não contesta a doutrina farisaica em sua totalidade e mesmo em alguns aspectos a assume como verdadeira, embora de maneira geral a leitura que se faz dos evangelhos é a de anulação da religiosidade dos fariseus.

Mas discordar, discutir e enfrentar ideias opostas é um valor espiritual na tradição judaica, apesar dos possíveis desvios e equívocos ocorridos ao longo da história... O judaísmo, em geral, sempre foi avesso à ideia de dar origem a um sistema explicativo, a uma escola filosófica ou religiosa particular. Os textos sistematizados pelos fariseus, bem como o próprio Tanach, ilustram sempre a preocupação de gerações de sábios. Eles buscaram dar respostas às perguntas relevantes para a vida espiritual e intelectual do povo e de diversas escolas: Deus e seus atributos; a criação do homem e sua finalidade; as relações entre Deus e os homens; os antagonismos entre bem e mal; o papel da Israel na humanidade; o sofrimento do povo e a esperança dos dias messiânicos a justiça divina, prêmio e castigo; leis e justiça humana, a Torah e seu estudo... Nesse contexto – de liberdade de pensamento e discussão – deve-se entender, ou pelo menos situar, em primeiro lugar, as críticas de Jesus (e seus seguidores), dos essênios e dos próprios fariseus a determinados comportamentos de certos fariseus ou membros de outros partidos religiosos de seu tempo. O questionamento era uma forma de diálogo. Eram homens livres e cientes de sua autonomia e de sua liberdade, questionavam-se entre si e dialogavam. Sua experiência religiosa lhes dava, até, a liberdade de questionar sua fé e seu próprio Deus. (MIRANDA, 2001, p. 34)

Jesus e os seus criticam e são criticados, questionam e são questionados, enfim confrontam-se entre si e com os demais, quer sejam de grupos ou partidos religiosos quer sejam pessoas comuns dos lugares por onde passam. Ora o que podemos aprender através das narrativas que os evangelhos nos apresentam, é que Jesus e fariseus demonstravam amor à Torah; a compreensão que tinham das Escrituras os aproximavam, é um equívoco portanto generalizar hostilidades. Isto não deve nos impedir de considerar as muitas afinidades e as muitas polêmicas que existem entre cristianismo e farisaísmo. Por que não pensar então que não só os ensinamentos do ‘mestre’; mas também as crenças e tradições que discípulos e seguidores partilhavam não estão também narradas e eternizadas nos evangelhos, escritos tantos anos após a morte do mestre? O que nos impede pensar que havia só o sentido ‘mestre discípulo’ na comunicação; não partilhavam eles suas ideias, experiências e anseios? A relação entre mestre e discípulo, só se estabelece em via de mão dupla.

Farisaísmo e cristianismo dividiram o mesmo espaço e a mesma ideologia por bom tempo, algumas teorias e tradições são comuns e não se podem separar. Um ótimo exemplo deste ponto em que cristianismo e judaísmo se aproximam é a oração conhecida por todo cristão como a oração do ‘Pai Nosso’. Segundo Di Sante, a oração do Pai Nosso “sofre grande influência da liturgia da sinagoga” (2004, p. 30). Hoje já não restam dúvidas da sequência das frases, e, qual dessas faz referência a um ato ou parte de uma oração ou benção litúrgica judaica, vejamos;

“Pai Nosso que estás no Céu” - é proferida geralmente na segunda ou quinta-feira antes de se colocar a Torá no tabernáculo (DI SANTE, 2004, p. 31).

“Santificado seja o Teu Nome, venha a nós o Teu Reino” expressão encontrada do Kadish, uma das mais antigas orações dos fariseus: “Que seu grande Nome seja exaltado e santificado no mundo que ele criou e que ele faça chegar seu reino” (o dia do Messias) (DI SANTE, 2004, p. 32).

“Seja feita a Tua vontade” discípulo de Rabi Eliezer pergunta o que é uma curta oração; então, ele responde: seja feita a Tua vontade, que é nosso Senhor dar a cada um segundo suas necessidades e assegurar a cada corpo o necessário para a subsistência (DI SANTE, 2004, p. 33).

“Perdoa nossas ofensas” é a sexta bênção do *Shemone Esereh* – Perdoa-nos ó Pai porque pecamos! Queira nos absolver porque falhamos. Tu perdoas e absolves (DI SANTE, 2004, p. 34).

“Não nos deixeis cair em tentação” uma familiar expressão do livro judaico de oração: não nos deixe cometer um só pecado, uma iniquidade. Não nos induza à tentação (DI SANTE, 2004, p. 34).

A forma de Jesus orar, seus gestos, as ações de graças têm inspiração na tradição e na liturgia farisaica. Em nossa liturgia dominical se mantém a estrutura básica das leituras que também é seguida na sinagoga, só os textos são de diferentes cânones.

Do farisaísmo conhecemos nomes importantes, como Hillel e Shammai; homens sábios que deixaram marcas na história do judaísmo e que influenciaram sobremaneira a pregação de Jesus, fato confirmado por citações destes grandes homens recordadas nas comunidades dos discípulos e mais tarde ensinamentos e atitudes sociais são transcritas nos evangelhos, por vezes as mesmas ideias e os mesmos valores, ora as citações são da boca de Jesus nos evangelhos ora da boca de Hillel nos escritos judaicos. De Hillel conhecemos este ensinamento: “Sê dos discípulos de Aarão, ama a paz e busca a paz, ama as criaturas e aproxima-as da Torah” (Miranda, 2001, p. 119) com palavras um pouco diferentes Jesus envia os seus a proclamar a boa nova do Reino de Deus a ‘toda’ criatura! Hadas-Lebel citando Graetz, afirma: “Hillel e Jesus, possuíam ambos a ‘nobreza de coração, a pureza moral e a santidade religiosa’; eles consideravam ‘o amor pela paz e a doçura de caráter como as belas das virtudes’” e completa em uma palavra; eles representam a “religiosidade superior” (1999, p. 85-106). Shammai por outro lado era mais rigoroso com relação à Torá, reconhece e defende os direitos da mulher, sua independência econômica e afirma a credibilidade a seu testemunho nos processos legais (Miranda, 2001, p. 120), é também Shammai mais rígido no tocante ao divórcio, que só o aceitava ante grave motivo para o repúdio, o casamento é uma união desejada por Deus cujo ideal está em Gênesis 2,24, tem caráter duradouro, e cabe ao homem fazer de tudo para atingir este ideal; Jesus assume o mesmo ideal de Shammai, ao mesmo tempo em que não faz apologia ao casamento.

Embora haja exemplos como estes em que há convergência de ideias e de ensino entre os fariseus e entre Jesus, não podemos deixar de verificar, que há também exemplos de divergências. Os fariseus tentam afastar o judaísmo do perigo da extinção e para preservar a tradição judaica pregam a Torá Oral como forma de atualização da Torá escrita. Para os discípulos de Jesus, no entanto, o ponto de referência para a interpretação e atualização da Torá escrita já não é mais a Torá oral senão o próprio Jesus, daí percebermos que os Evangelhos desejam mostrar a superioridade do ensino de Jesus ao ensino dos fariseus.

Jesus de Nazaré

O Jesus histórico, natural, nasce de família judia, poucos anos antes do nascimento do Cristo da fé em Belém, - alguns estudiosos colocam seu nascimento entre os anos 6 a 4 a.C. e o próprio texto bíblico assim o indica, pois segundo Mateus o nascimento teria ocorrido durante o final do reinado de Herodes Magno entre 37 a 4 a.C.. Lucas em sua narrativa, vincula o nascimento ao censo (Lc 2,1-5) realizado quando a Samaria e a Judéia foram anexadas como províncias de Roma. Em ambos os casos, uma construção teológica posterior que quer colocar Jesus na casa de Davi.

Voltemos nossa atenção à narrativa de Mateus 1,1-16: o verso 1 relata com ênfase - Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Os versos 2 a 16 descrevem as gerações, desde Abraão até Jacob, o pai de José, pai de Jesus. Em Mateus, José era da estirpe de Davi, assim afirma o anjo de Senhor: “José, filho de Davi, não temas...” (1,20). É imperativo na mente de Mateus, que José, descendente de Davi, aceite Jesus como seu filho. (BROWN, 1993, p. 67).

A narrativa de Lucas é mais complexa, pois comporta duas narrativas: a do nascimento de João Batista no capítulo 1, e, a de Jesus no capítulo 2; em que Lucas afirma que José, por ser da casa e da família de Davi; para atender ao censo devia se inscrever na cidade de Davi, Belém. Brown observa; desde que Lucas tenha de alguma forma sido afetado por procedimentos de historiadores clássicos, é digno de nota que há precedente para a composição da narrativa da infância como parte da biografia de um homem cuja carreira pública já era bem conhecida (1993, p. 240).

Isto posto, voltemos à afirmação de uma construção teológica posterior; não podemos afirmar de forma diferente que toda a experiência narrada pelos discípulos de Jesus é pós Pascal.

Este homem, Jesus, nasce na Galileia, região ao Norte da Samaria; que circundada pelas cidades gregas da Decápolis, era bilíngue e tida pela Judéia quase como país pagão, pois daí se afirmar que de lá nada de bom pode sair! Deste ponto então o que temos é um espaço de tempo vazio, não há nenhuma informação preservada direta e de primeira mão sobre a história real de Jesus; as fontes externas ao cristianismo são também nulas, resta-nos o trabalho editorial dos escritos dos evangelistas que apresentam do início um curto período, a infância, que vai desde o nascimento até a apresentação no Templo; para logo depois tornar a apresentá-lo no *Bar Mitzvah* que Lucas teatraliza como feito grandioso em “meio aos doutores na Sinagoga” (Lc 2,46); segue-se então outro longo período de tempo do qual nada se sabe e as fontes também nada revelam, quando então surge na mesma Galileia, pouco após o batismo de conversão pregado por João, e uma “passagem” de quarenta dias no deserto, um Jesus já adulto pregando o Reino de Deus na Terra e arrebanhando muitos seguidores. Com poucos detalhes isto é o que se pode ver nos relatos dos evangelhos sinóticos. Também de forma lendária as narrativas dos evangelhos nos apresentam um ainda ‘suposto líder’ que simplesmente se avizinha de alguns pescadores e de alguns outros judeus, que a uma simples palavra ou com um simples convite “segue-me!” (Lc 5,27) abandonam seu trabalho e renda; pensemos – o que significa abandonar o trabalho quando o necessário para sustentar a vida é caro e escasso e a carga de impostos é tão alta, que a própria sobrevivência se torna o mais pesado fardo?

João é ainda mais místico ao apresentar Jesus; um pequeno gesto e a frase “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1,36) bastou para que alguns o seguissem de pronto, e outros tantos que no decorrer do caminho durante o dia a ele se juntassem incondicionalmente. Com que consequências? O seguidor de Jesus deve sim estar preparado para sofrer, até com risco de vida (cf. Mc 8,34-35) e renunciar à própria segurança (Lc 9,62; 14,26), mas deve sim manter um comportamento inteligente e prudente. Koester afirma que: “desde o primeiro momento, o único interesse do processo de formação das tradições nas comunidades dos seguidores de Jesus foi aplicar o que era lembrado às necessidades dessas comunidades” e continua mais adiante: “o que Jesus possa ter sido e o que possa ter dito e feito deve ter sido parte natural

da trajetória que começa com o ambiente judeu do meio de Jesus e de João Batista, continua na formação da tradição das primeiras comunidades de seus seguidores e termina nas imagens de Jesus apresentadas na literatura evangélica subsistente” (2005, p. 85).

Existem vários estudos que evidenciam paralelos entre os ensinamentos de Jesus e dos fariseus e rabinos, e que foram assimilados por essas comunidades; vejamos, por exemplo, a sabedoria de *Pirkei Abot* e algumas citações dos evangelhos:

Pirkei Abot II, 5

“Não julgues a teu próximo antes de estar no seu lugar”

Mateus 7,1; Lc 6,37

“Não julgueis e não sereis julgados”

Lv Raba I, 5 sobre Lv 1,1

“Hillel dizia: ‘minha humilhação é minha exaltação e minha exaltação é minha humilhação’”

Mateus 23,12; Lc 14,11

“Pois todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado”

Não obstante esses seguidores que em princípio eram um só grupo e formavam uma só comunidade, dividiram-se posteriormente em grupos menores e formaram então novas comunidades com características próprias e em locais distintos, e acima de tudo instados a seguir o ensinamento de Jesus que se calcava principalmente em recomendações de praticar as tradições judaicas no exercício do amor e da misericórdia e não tomar o próprio Jesus como modelo de comportamento.

Jesus Messias

A questão do messianismo de Jesus nos parece uma questão polêmica, pois a visão dos discípulos e que nos é apresentada nos Evangelhos é clara e definitiva, Jesus é o ‘Messias’ esperado e que se torna depois o ‘Cristo’ dos pagãos, porém se visto por aqueles que não o teriam como Mestre aqueles que não o seguiram, Jesus não pode ser considerado o Messias porque Jesus não teria cumprido com a esperança messiânica; Jesus não libertou Israel da mão dos romanos, fato essencial para aqueles que esperavam um Messias como um príncipe temporal, que se deduz do apoio posterior dado a Rabi Akiva e Bar Kokba na Grande Guerra

de 135; também não podiam aceitá-lo como tal porque Jesus não recebeu a investidura oficial, a unção com óleo santo, costume que se cumpria publicamente com os reis e os sacerdotes, Jesus fora ungido por uma mulher – uma afronta aos costumes – seus próprios discípulos o admoestam por sua permissividade. Por fim, para aqueles que em Jesus não acreditavam ele não teria sido nada mais que uma simples personagem de algum momento da história de seus dias e que foi crucificado por causa de seus ensinamentos pouco ortodoxos; para estes um fracassado.

Saber exatamente, como fato histórico, o que significou este Jesus para um grupo de pessoas de seu tempo, deve ter como ponto de partida os evangelhos, os documentos escritos tempos depois nas comunidades de seus seguidores.

Em termos da fé lembrada em Jesus e através do modo das observâncias judaicas, existiam diferenças entre os judeus que vieram a acreditar em Jesus; e cada tipo diferente de percepção judaica de Jesus ganhou adeptos entre os gentios convertidos ao 'cristianismo'. Por este motivo devemos nos abster de falar de cristianismo judaico e cristianismo gentio, mas de formas variadas de cristianismo judeu gentio. Assim, o período neo testamentário mostra-nos no mínimo quatro grupos distintos. Destes nos deteremos em mais detalhes com o grupo de Jerusalém e o grupo de Antioquia. Segundo Meier (1984), destes grupos identificam-se quatro principais grupos daqueles que acreditaram em Jesus e se agruparam em comunidades, nos deteremos com os grupos de Jerusalém e de Antioquia.

A Comunidade de Jerusalém

Formado por cristãos judeus e pagãos convertidos, cuja característica principal é a total observância à Lei Mosaica, inclusive a circuncisão para aqueles que acreditavam em Jesus. Um grupo ultraconservador que insistia na conversão dos pagãos ao judaísmo para que se tornassem aptos a receber as bênçãos messiânicas trazidas por Jesus. Esta demanda era advogada pelos cristãos judeus de Jerusalém, que em Atos 11,2 são chamados de 'os da circuncisão' em 15,5 são designados como 'provindos da seita dos fariseus'; e a quem Paulo, menos diplomático que Lucas, chama em Gálatas 2,4 de 'falsos irmãos que se infiltraram para espionar a liberdade que temos'. Presume-se que este grupo que está em Jerusalém não é tão entusiástico quanto à conversão de pagãos. Esta propaganda não se restringiu só a Jerusalém

e a Galácia, pois encontramos no capítulo 3 de Filipenses similar receio entre os pagãos convertidos na Grécia, porquanto a mesma carta em 1,15-17 sugere tal pregação onde Paulo fora aprisionado; portanto se pode falar de uma ‘missão’ aos pagãos que era antagônica a Paulo, mas de certa forma atrativa, o que resultou na existência de cristãos ‘judeu gentios’ de estreita observância à Torá não somente na Palestina, mas também nas cidades da Ásia Menor e Grécia a exemplo daqueles de Jerusalém.

A história vivida da comunidade de Jerusalém não é pacífica, pouco tempo após a morte de Jesus vários episódios causaram agitação entre seus membros, pois por intermédio do Sinédrio se iniciaram perseguições e repressões prisões. Um personagem importante deste período é sem dúvida alguma Saulo de Tarso, que depois se passaria a chamar Paulo e ser admirado como o apóstolo dos gentios; Atos 8,3, indica que “Saulo devastava a [Igreja] e entrando pelas casas arrastava homens e mulheres, e metia-os na prisão”; além desta referência também encontramos outros momentos semelhantes quando Herodes, por volta de 40 a.C. prende alguns outros membros desta comunidade, manda matar Tiago irmão de João e prende Pedro; por trás destas e outras atitudes repressivas está o sinédrio.

O Sinédrio de Jerusalém não diminui seus esforços em fazer desaparecer o movimento iniciado por Jesus, Eusébio (Livro II, XXIII, 22) relata que o sumo sacerdote Ananias o Junior, sucede em 62 d.C. eliminar Tiago ‘o irmão do Senhor’.

É interessante notar que no período da guerra de 70 não se registram personagens da comunidade de Jerusalém como participantes deste evento; nem mesmo os locais por eles habitados são citados como zonas de guerra. Mais uma vez citando Eusébio (Livro III, V, 3) “Os [cristãos] da comunidade de Jerusalém haviam recebido por meio de um vaticínio revelado a pessoas [desta Igreja], a advertência de lá emigrarem quando rompesse a guerra, e de se transferirem a uma aldeia da Peréia, chamada Pela. Com efeito, abandonando Jerusalém”.

Finalmente em 135 da era comum, findou-se a Segunda Guerra judaica, conhecida como a Revolta de Bar Kokba, e, desta revolta pouco foi deixado intacto de Jerusalém, todos os habitantes judeus foram de lá expulsos por Adriano, e sobre as ruínas da antiga cidade foi erguida nova cidade denominada *Aelia Capitolina*; agora habitada por pagãos. Eusébio (Livro V, XII, 1;2) retoma sua narrativa relatando que a comunidade de Jerusalém, antes formada por [judeus] circuncisos, veio a constituir-se de gentio-cristãos, e seu primeiro ‘bispo’

escolhido foi Marcos, tomado dentre os gentios. E mais adiante faz uma lista dos ‘bispos da circuncisão’ colocando nesta, como o primeiro Tiago o ‘irmão do Senhor’.

A Comunidade de Antioquia

Formado por cristãos judeus e pagãos convertidos, mas que não insistem na observância da circuncisão, um grupo mais moderadamente conservativo, mas exigem algumas observâncias judaicas a seus convertidos, particularmente as referentes às normas alimentares (*kasher*), conforme Atos 15 e Gálatas 2, Tiago o irmão de Jesus e líder em Jerusalém, e Pedro, embora menosprezado por Paulo como ‘os assim chamados pilares’; concordam entre si que a circuncisão não deve ser imposta aos pagãos convertidos. Ao contrário fazem-se então exigências quanto a algumas normas alimentares tais como: abster-se de alimentos dedicados aos ídolos, não manter relações sexuais ou casamentos entre parentes, abster-se de carne de animais estrangulados com seu sangue ainda no corpo e de sangue de animais. Gálatas 2,12 relata que “alguns vindos da parte de Tiago” criaram certo constrangimento quanto à questão de judeus cristãos sentarem-se à mesa com pagãos e assim presumivelmente não mantendo as normas alimentares. Esta isenção dos rituais das normas judaicas, importantes para a identidade judaica, se torna uma séria causa de dissensão entre judeus convertidos, entre pagãos convertidos, e separou ‘cristãos’ e judeus já no primeiro século. Meier sugere mais adiante que estes fatos podem indicar uma “força missionária” que produziu outro estilo de cristãos judeu gentios menos rigorosos que aqueles de Jerusalém no que se refere à circuncisão, mas preservando algo da riqueza da Torá como parte da herança cristã. O evangelho de Mateus que fala de “uma Igreja fundada sobre Pedro”, dá aos ‘Onze Apóstolos uma missão a todas as nações’.³

Sabemos assim que foi primeiramente em Antioquia que os seguidores deste novo movimento messiânico iniciado por Jesus, foram chamados ‘cristãos’, estes assistiam às sinagogas locais, porém diferenciavam-se de outras comunidades judaicas tanto mais por nomenclatura que por estrutura; por um tempo os integrantes desta nova comunidade se

³ Mt 28,16-20 – especialmente 19 – ‘Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

autodenominavam “O Caminho”.⁴ Antioquia era uma das mais importantes cidades do Império Romano, situava-se próximo ao rio Orontes e era a capital da Síria; foi sem dúvida o mais importante centro urbano para o movimento de Jesus fora de Jerusalém. Desde Inácio de Antioquia, no início do segundo século a João Crisóstomo sacerdote daquela, agora já igreja, no final do quarto século; Antioquia foi ‘a casa’ de grandes teólogos e bispos poderosos (mais tarde conhecidos como os ‘patriarcas’), foi também a cadeira de celebradas escolas de exegese, bem como o nascedouro de tendências heréticas.

Meier (1984) acredita que a comunidade de Antioquia foi formada por volta do ano 40 a.C., e que rapidamente se tornou o campo de batalha dos mais importantes apóstolos por nós conhecidos: Paulo, Pedro e Tiago. Já pelo início do segundo século, sabe-se que Antioquia é a primeira ‘igreja’ a ter articulado uma estrutura racional e autoritária, centrada em um bispo cercado por um grupo de presbíteros e diáconos, e denomina esta formação por “episcopado monárquico”. Este ‘formato centralizador’ é de vital importância para o entendimento da transição entre o período neotestamentário e o período patrístico.

Não são muitos os relatos confiáveis referentes ao início da comunidade de Antioquia nos Evangelhos.⁵ A carta aos Gálatas, escrita em meados de 50 a.C. nos fornece em 2,11-14 o testemunho ocular de Paulo escrito poucos anos após o incidente ali narrado; também se pode tomar como fonte confiável o relato dos capítulos 11 a 15 de Atos dos Apóstolos, sendo o primeiro relato preferível pois representa um testemunho de primeira mão, embora o fato de que seja a única vez em que aparece a menção a Antioquia na Síria nos escritos de Paulo. Ainda assim é uma citação muito importante sobre a primeira geração ‘cristã’ de Antioquia, pois é a única fonte literária ‘autobiográfica’ proveniente de uma personagem que efetivamente tomou parte no incidente relatado. Quanto ao texto de Atos deve-se ter em consideração que sua redação é mais tardia, e que o mesmo tem uma tendência a suavizar as ferozes batalhas da ‘igreja primitiva’. Atos 11,19-20 assim relata o início da ‘igreja de Antioquia’:

⁴ Atos 9,2; 19:9.23; 22,4; 24,14 – Esta última referência é particularmente interessante pois Paulo confessa que “é seguindo o ‘Caminho’, a que chama de seita, sirvo ao “Deus de meus pais, conforme a Lei e os Profetas”.

⁵ Para o escopo deste artigo, assumimos que a primeira geração cobre o período de tempo dos mais conhecidos apóstolos ou companheiros de Jesus, e desde que Pedro, Paulo e Tiago (o irmão de Jesus) morreram por volta de 60, esta primeira geração, portanto, compreende os anos 30 a 60 a.C.. Já a segunda geração, compreende o período em que predominam os discípulos imediatos dos apóstolos, por volta do último terço do primeiro século.

Aqueles que haviam sido dispersos desde a tribulação que sobreviera por causa de Estêvão, espalharam-se até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a Palavra, senão somente a judeus. Havia entre eles, porém, alguns cipriotas e Cireneus. Estes, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa Nova do Senhor Jesus.

Marguerat, no entanto, sustenta que entre os anos 30 a 60 d.C., no plano da história contada por Atos:

O judaísmo e o cristianismo não eram entidades separadas, quer teológica quer sociologicamente; os 'cristãos' eram, quanto muito, uma variante do judaísmo, reconhecida como uma "seita" no seio da diversidade judaica, tal qual o partido dos saduceus ou mesmo o círculo dos fariseus. (2003, p. 154)

Os capítulos 1 a 5 de Atos dão a perceber que os discípulos viviam ao redor do Templo, como parte de Israel, exatamente como Paulo que não para de afirmar sua obediência escrupulosa à Torá, diz que sua pregação é fiel à tradição judaica, e que em suas cartas afirma "Sou judeu, nascido em Tarso" (At 22,3).

Os Judeus de Antioquia

Sabe-se hoje que já havia judeus habitando a Antioquia desde sua fundação por volta de 300 a.C., e também que em meados do segundo século a.C. estes judeus gozavam o direito de observar seus próprios costumes como um grupo distinto dentro da Antioquia, embora as medidas rígidas de Antíoco Epífanes (175 a.C.) significasse para esses judeus difícil sobrevivência. Com exceção à perseguição de Epífanes, os judeus de Antioquia lá viveram pacífica e prosperamente sob os monarcas Selêucidas, que pode ter sido a maior comunidade judaica da Síria e conjectura-se que podem ter chegado a cerca de 30.000 habitantes. Esta comunidade era sem dúvida, formada por várias classes e compunha-se de ricos líderes, lojistas e artesãos, pobres e mesmo alguns escravos.

Josefo (Guerra 7.3.3) identifica um ‘regente’ nesta comunidade, outros historiadores por seu lado preferem a ideia de um conselho de anciãos, que seriam representantes das várias sinagogas da cidade além de ser este conselho o ‘corpo governante’ de todos os judeus de Antioquia. Outros ainda aceitam uma junção dos dois ambientes, a saber, o regente que dirige o conselho de anciãos, formando um corpo governando todos os judeus de Antioquia. Aqui se pode imaginar que esta estrutura de um regente que comanda o conselho de anciãos ter fornecido um modelo para o bispo presidindo o corpo de presbíteros na Antioquia “cristã” ao tempo de Inácio (MEIER, 1984, p. 31), o que torna ainda mais perceptível a influência judaica sobre a comunidade de judeus cristãos de Antioquia.

Considerações Finais

Jesus é efetivamente uma personagem histórica importante, do ponto de vista religioso, sociológico, reformador ou carismático. Para Klausner (1989, p. 412) o Jesus Galileu foi sem dúvida um judeu nacionalista por instinto, imbuído do mais alto patriotismo judaico. Como já mostrado acima seus ensinamentos se assemelhavam em muito aos de Hillel ou de Rabi Akiva, e espelho das tradições de seu povo; os ataques colocados como palavras de Jesus; aos homens que como ele; cultivam o mesmo credo judaico, não passam senão de transcrições tardias dos anos 80 a 90 a.C. em que os judeus cristãos estavam excluídos da sinagoga pelos sábios.

Jesus não disse nem ensinou nada que um fariseu teria subscrito, nem fez nada que este teria denominado uma falta, todo judeu estava habituado a expressões como “nosso Pai, nosso Rei” (אבינו מלכנו), ou “nosso Pai celestial” (אבינו שבשמים), e, “vós sois filhos do Senhor vosso Deus” (בנים אתם להויה אלהיכם) expressão esta que aparece na Torá, e outro fragmento com “filhos de Deus” (בנים למקום) empregada no Talmud. (KLAUSNER, 1989, p. 115-116).

Como observamos aqui, o que Jesus faz em suas críticas é senão chamar a atenção aos judeus de seu tempo (e a cada um de nós em nosso tempo) que pregam a prática ritual sobre a prática moral sem em nenhum momento revogar a primeira em honra da segunda, Jesus não aboliu a Torá e não tinha pretensão alguma em fazê-lo.

Jesus não demonstrou, em momento algum de sua vida, quer por palavras, quer por ações a intenção de fundar uma nova religião, viveu plenamente o judaísmo em que nasceu e foi educado, o judaísmo é interior a Jesus, e, lhe significava a vida, e por extensão a de seus próximos. Paulo na sua Carta aos Romanos 11,18, nos dá a chave de leitura desta relação: “Saibas que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz sustenta a ti”.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo, Paulus, 2002.
- BROWN, R. E., *A Comunidade do Discípulo Amado* – São Paulo, Paulus, 1999a.
- _____, *The Birth of the Messiah, A Commentary on the Infancy Narratives in the Gospels of Matthew and Luke*: New York, Doubleday, 1999b.
- BROWN, R. E. & MEIER, J. P., *Antioch & Rome – New Testament Cradles of Catholic Christianity*, New York: Paulist Press/Ramsey, 1984.
- DI SANTE, C., *Liturgia Judaica. Fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.
- EUSÉBIO, de Cesaréia, *História Eclesiástica*, Compêndio, São Paulo: Fonte, 2005.
- JOSEFO, Flávio, *Antiguidades XVIII*, CPAD, 1969.
- HADAS-LEBEL, M., *Hillel - Un sage au Temps de Jésus*, Paris: Albin Michel, 1999.
- KLAUSNER, J. *Jesús de Nazaret*, España: Paidós, 1989.
- KIPPENBERG, H. G., *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*, São Paulo: Paulus, 1997.
- KOESTER, H., *Introdução ao Novo Testamento, História e Literatura do Cristianismo Primitivo*, São Paulo: Paulus, 2005.
- LOHSE, E., *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, São Paulo: Paulinas, 2004.
- MARGUERAT, D., *A Primeira História do Cristianismo – os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MIRANDA, E. E. e MALCA SCHOR, J. M.; *Sábios Fariseus, Reparar uma Injustiça*; São Paulo, 2001.
- PRÉAUX, C., *Le Monde Hellénistique I*, Paris, Nouvelle Clío, 1997.
- SCARDELAI, D., *Movimentos Messiânicos no Tempo de Jesus – Jesus e outros messias*, São Paulo, Paulus, 1998.
- SCHUBERT, K., *Os Partidos Religiosos Hebraicos da Época Neotestamentária*, São Paulo, Paulinas 1979.